

COMO
FALAR DO
TRAUMA?

HOW DO
WE TALK
ABOUT
TRAUMA?

UMA DITADURA
AINDA PRESENTE NAS
ARTISTAS IBÉRICAS

A DICTATORSHIP STILL
LINGERING FOR
IBERIAN WOMEN
ARTISTS

Alice Geirinhas
Ana Pérez-Quiroga
Carla Hayes Mayoral
Cintia Gutiérrez
Cristina del Águila
Elo Vega
Susana Gaudêncio
Susana Mendes Silva

16.05—21.09/25

Ana Pérez-Quiroga / Bruno Marques / Javier Cuevas del Barrio

Diagonal e Dialogal

Convido-vos a embarcar numa viagem iniciada em 2021, quando meu projeto de investigação artística *Which house are you from? - Memory, Collective-memory, Post-memory and the question of belonging* foi financiado pela FCT. Desenvolvo esta pesquisa na Universidade de Évora, onde sou investigadora integrada no CHAIA, enquanto sigo também o meu percurso como artista visual e realizadora de cinema.

A minha investigação centra-se num acontecimento histórico: cerca de 3.000 crianças espanholas foram exiladas na União Soviética durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Tem também uma dimensão pessoal, pois uma dessas crianças, Angelita Perez, viveu dos 4 aos 24 anos em internatos na Rússia, formou-se em medicina em Moscou e, ao regressar a Espanha em 1957, casou-se com um português. Tiveram um filho e duas filhas – uma delas sou eu.

Com este pano de fundo, e partindo desta dimensão pessoal, onde a pós-memória explica a vivência do 'trauma' em segunda mão, busquei parcerias para expandir a investigação a outras histórias marcadas pelas ditaduras. Assim, em 2022, propus a Bruno Marques a realização de um colóquio que unisse os nossos centros de investigação.

Acompanhem-me nesta jornada que, após um longo percurso, culminou em 2024 com as condições ideais para convidar Javier Cuevas del Barrio e selecionar oito artistas mulheres. Quatro espanholas – Carla Hayes Mayoral, Cintia Gutiérrez, Cristina del Águila e Elo Vega –, artistas e professoras associadas a universidades da Andaluzia, e quatro portuguesas – Alice Geirinhas, Susana Gaudêncio, Susana Mendes Silva e eu –, artistas, professoras e eu enquanto investigadora ligadas a universidades portuguesas.

E agora, o que fazer com este grupo? A resposta parecia óbvia: criar um espaço para nos reunirmos. Assim, decidimos organizar uma residência artística, na Universidade de Évora e na Fundação Eugénio de Almeida nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2024, reunindo para além das pessoas acima mencionados, outros contributos teóricos, Isabel Freire, Ana Catarina Caldeira, Félix Soares e Paulo Simões Rodrigues.

A residência "Estórias do Trauma: Pós-Memória de Mulheres no Tempo da Ditadura" propõe uma reflexão sobre a interseção entre trauma e pós-memória, explorando como artistas contemporâneas de Portugal e Andaluzia se envolvem emocional e politicamente com os legados das ditaduras ibéricas do século XX. Em vez de retratos diretos desses regimes, investigamos como criadoras de regiões vizinhas abordam esse passado traumático através de narrativas que entrelaçam experiências vividas e memórias herdadas. Porquê comparar Portugal e Andaluzia? Pela proximidade geográfica e pelas histórias partilhadas de repressão sob os regimes de Salazar e Franco. Ambas viveram sob ditaduras conservadoras e católicas, marcadas pelo controlo social, violência de género e repressão. As mulheres foram alienadas, com seus corpos e sexualidades instrumentalizados pelo Estado. Neste contexto, estas oito artistas refletem sobre a transmissão do trauma e a experiência direta da violência: da doméstica à sexual, do assédio à violação, da exploração laboral à desigualdade em direitos fundamentais. As políticas natalistas, ancoradas na moral católica, negaram autonomia sexual e reprodutiva às mulheres, aprofundando opressões atravessadas por identidade, orientação sexual, raça, etnia, classe e estatuto económico. A abordagem aqui é interseccional. Além disso, destacamos a persistente marginalização da arte feminista no sul da Europa, frequentemente ignorada pelo cânone das historiografias de arte internacionais.

Quero agora contar-vos que este texto curatorial é escrito por três pessoas diferentes, e por isso concordamos que cada um de nós tivesse a liberdade de escrever sobre o tema que mais sabia, da forma que melhor servia o seu propósito e por ordem alfabética. Por isso começo eu.

Venham! Escolhi abordar dois temas que me tocam de perto:

A) a importância das mulheres como professoras e investigadoras nos departamentos de artes visuais e o papel das instituições na vida dessas artistas; B) a relevância da cenografia na construção de uma narrativa visual.

Aqui estamos! Começo por elencar os pontos para refletirmos juntos:

A)

1. as mulheres conciliam a prática artística, o ensino e a investigação, reforçando a pesquisa como parte da criação artística.
2. as residências artísticas dentro das universidades criam espaços de encontro, ampliam o debate e permitem a apresentação de pesquisas em curso ou finalizadas.
3. a valorização da produção plástica de mulheres artistas de diferentes gerações dentro da academia fortalece o intercâmbio e a continuidade do pensamento artístico.
4. a remuneração no sistema neoliberal – um salário estável pago por entidades governamentais – garante maior liberdade para conceber.

Aqui, conecto os temas A e B através do paradigma introduzido por Virginia Woolf em *Um Quarto que Seja Seu* (1929), livro que recomendo. Inspirada no seu título, apresento *Um Espaço que Seja Seu*, uma nova peça minha que constitui a cenografia da exposição.

B)

5. a narrativa constrói-se a partir da relação entre duas ideias no repertório feminista: diagonal e dialogal. (Esclareço esta relação no final.)
6. o espaço é atravessado por diagonais que criam áreas autônomas, cada uma ocupada por uma artista que conta uma história singular, desenvolvendo-se em capítulos.
7. o percurso narrativo exige afastar tecidos brancos suspensos para avançar. Eles funcionam simultaneamente como divisórias flexíveis, apontamentos artísticos, obstáculos a transpor, jogo de escondidas e de sombras chinesas. São elementos físicos que se impõem e suportam, em tecido vermelho, os nomes das artistas.
8. a estrutura inspira-se no biombo chinês, símbolo de privacidade e proteção. Os seus caracteres significam tela/bloqueio (*píng*, 屏) e vento/brisa (*feng*, 風), este último presente em *feng shui*, conceito de equilíbrio e harmonia no espaço.

Obrigada por terem esperado! Farei agora uma breve explicação sobre a relação que concebi entre diagonal e dialogal. Não se trata apenas de um jogo de palavras, mas de uma proposta de pensamento feminista. A *diagonal* representa um caminho alternativo, que não segue direções óbvias. Não é vertical (hierárquico) nem horizontal (binário), mas corta os eixos, criando percursos inesperados. O *dialogismo*, conceito de Mikhail Bakhtin, afirma que não há uma verdade fixa: tudo se constrói na relação com outras vozes e perspectivas.

No feminismo interseccional, essa abordagem rejeita respostas simplistas. O objetivo não é inverter hierarquias, mas questionar a estrutura da hierarquia em si. A estratégia feminista deve ser diagonal (desviando-se das normas) e dialogal (construída na troca e multiplicidade de vozes).

Uma ideia final: sendo "artista" uma palavra feminina, porque não a associamos automaticamente a uma mulher?

Ana Pérez-Quiroga, Lisboa, 2025

¿De que casa eres? Los niños de Rusia. Episodios de un cotidiano #5

O cronómetro desenha um tempo dentro do presente, mas permanece à margem. Um tempo outro, necessário para confrontar dois tempos: o vivido por minha mãe e o da memória – suspenso, encapsulado, onde retorno ciclicamente. O tempo que ele marca é o intervalo que utilizo no quotidiano para reescrever a história e recomeçar do zero.

Estar presente no presente!

Tem sido o meu exercício de vida: a conquista da difícil tomada de consciência para focar no momento presente.

A língua portuguesa permite um jogo com a polissemia da palavra "presente", simultaneamente tempo e dádiva. Sempre me surpreendeu que a palavra pudesse abarcar esses dois significados, conjugando duas "ações" distintas, mas que permitem ligar a oferta ao momento. Assim, dar um presente torna-se um ato de amor, tal como estar no presente é também um ato de amor.

A instalação que apresento são **reperformatizações (reenactment)** de momentos da história da minha mãe que reclamo para mim, numa pós-memória herdada, composta por fotografias, objetos e canções. É um presente à minha mãe neste presente.

Ficha técnica

“¿De qué casa eres?” (“Which house are you from?”, 2017

Vidro vermelho, gás néon; fio elétrico; transformador | *red glass neon, neon gas; electric wire; current transformer*

30x190cm

“Presente presente presente!” (Present present present!), 2023

Vidro vermelho, gás néon; fio elétrico; transformador | *Red glass neon, neon gas; electric wire; current transformer*

30x190cm

“¡Ay Carmela!” | “¡Ay Carmela!”, 2017

Rádio gira-discos, discos de vinil, colunas de som, amplificador; reproduutor MP3, som loop 8m;

plinto de alumínio | *Radio turntables, vinyl records, speakers, amplifier; MP3 player, sound loop*
8m; aluminum plinth 38x58x34cm (rádio|radio) + 50x58x34 (plinto|plinth)

“APQ escultura/móvel #17 -#24”| “APQ sculpture/furniture #17 -#24”, 2017
4 unidades em madeira de takula e lona vermelha | *4 units in takula wood and red cotton;*
1 unidade em madeira de takula e burel verde | *takula wood and green wool serge*
45x30x30cm; 68x75x75cm

“APQ escultura/móvel #29 - #30”| “APQ sculpture/ furniture #29 - #30”, 2017
Cobre; madeira de takula; abat-jour de vidro soprado | Copper; takula wood; blown glass lampshade
58x20cm ø; 158x29cm ø

“O ruído do tempo | Шум времени, 1925. Uma homenagem a Osip Mandelstram”, 2025
Cronómetro CCCP, alumínio, mecanismo mecânico.
ø 7cm

“Mamã”, 2027-2025
Desenho a 3 cores (vermelho, amarelo, violeta), lápis de cor

“Diagonal e Dialogal”, 2025
31 telas, sarja crua em algodão, burel vermelho, linhas vermelhas de algodão.
29 telas 270x140cm; 2 telas 360x140cm